

## **Tradições e mitologias na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**

**Bolsista:** Bruna Laise de Noronha

**Programa:** PIBIC/CNPq

**Orientador:** Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo organizar a documentação que informa as tradições, símbolos e mitos inventados e cultivados na Faculdade de Medicina antes de sua integração à Universidade de São Paulo e analisar que visão os médicos e estudantes de medicina tinham de si, de sua importância e da importância de sua profissão e missão. Durante a pesquisa, foi priorizada a busca e reunião dos documentos que informam sobre as tradições, símbolos e mitos inventados e cultivados na Faculdade de Medicina da USP, principalmente entre 1913 e 1934, além de uma pesquisa bibliográfica e estudo sistemático sobre a história da universidade e de suas escolas superiores.

## Introdução

Após a derrota militar na Revolução Constitucionalista (1932), o Partido Democrático (criado em 1926) resolveu recorrer à cultura, com a intenção de formar em São Paulo uma elite capaz de promover uma mudança nos aspectos científicos, intelectuais e sociais, e assim foi fundada a Universidade de São Paulo. De acordo com uma fração da burguesia paulista, a nação precisava com urgência de um grupo de intelectuais que fosse capaz de solucionar e entender os problemas nacionais. Era o papel da universidade suprir essa necessidade, formando uma elite educada para que a barreira das classes sociais fosse vencida, instaurando um sistema baseado na meritocracia, onde todos (em teoria) teriam as mesmas oportunidades de mudar sua condição social, o que impediria que a nação fosse governada por poucos em benefício próprio e em detrimento das necessidades da população (GARCIA, 2002, p.35-9).

O modelo inicial da criação da Universidade de São Paulo se baseava na criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que ofertaria todos os conhecimentos disponíveis e necessários, promovendo a cultura livre de interesses pessoais e, excluindo a cultura para fins próprios ou políticos imediatos, sendo esse conhecimento humano puramente desenvolvido.

Entendiam os criadores da Universidade de São Paulo que, até aquele momento, os problemas nacionais eram observados e resolvidos por uma elite formada nas Faculdades de Direito, Medicina e Escola Politécnica, que faziam pesquisas com ambições envolvidas. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras viria para impulsionar as pesquisas sem interesses e a progressão das ciências, instituindo um saber em prol do conhecimento e da coletividade (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937).

Ao criar a faculdade de filosofia, Ciências e Letras, e ao unir as outras pré-existentes (Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito, Escola Politécnica e Escola Superior de Agricultura), o intuito principal era de instituir um “espírito universitário”, criando tradições que promoveriam a aproximação e o convívio entre as Faculdades, unindo os prédios, centralizando a administração, criando cursos comuns, promovendo debates, grupos de estudo e atividades de lazer e sociais em comum, entre outros.

Essa tentativa de unir as Faculdades e impor um “espírito universitário” comum, porém, não foi aceita por parte das instituições. Houve alguns momentos de conflitos entre os projetos de união física, intelectual e emocional (BONTEMPI Jr., 2011).

O projeto de pesquisa O espírito decretado e os outros espíritos: tradições e mitologias conflitantes na Universidade de São Paulo (1934-1968), coordenado por Bruno Bontempi Jr., pretende estudar as dificuldades enfrentadas para a imposição desse “espírito universitário” às tradições inventadas já existentes e cultivadas pelas escolas superiores que vieram a compor a estrutura fundamental da Universidade de São Paulo; para isso é necessário o entendimento dessas tradições pré-existentes, seus mitos e símbolos, que são imprescindíveis para entender as dificuldades encontradas. Conhecer a história das Faculdades da Universidade de São Paulo é de vital importância para entender quais são os pontos nas suas várias tradições e mitologias que podem estar relacionados à incapacidade de o “espírito universitário” obter sucesso. Nesse projeto de pesquisa, os discursos (que, por se referir à personagens, datas e imagens, não são neutros) são representações e práticas em interlocuções importantes para que se entendam as forças que definiram a Universidade de São Paulo em um modelo diferente do ansiado no princípio por seus fundadores.

Este plano de trabalho se ocupa da Faculdade de Medicina de São Paulo, que em 1934 foi integrada à nova Universidade de São Paulo, tendo como principal pergunta: Quais seriam as tradições e mitos originais da faculdade de Medicina e quais figuras, personagens, fatos históricos, ideais e autorrepresentações profissionais marcaram sua história?

### **Objetivo**

Este trabalho tem como objetivo organizar a documentação que informa as tradições, símbolos e mitos inventados e cultivados na Faculdade de Medicina da USP antes de sua integração e analisar que visão os médicos e estudantes de medicina tinham de si, de sua importância e da importância de sua profissão e missão.

## Fontes

O *corpus* desta pesquisa compõe-se dos seguintes tipos documentais:

1. Transcrições de discursos em sessões de abertura (aulas inaugurais) e encerramento de cursos (diretores, paraninfos, oradores, autoridades) da Faculdade de Medicina, em publicações seriadas das instituições, como anuários;
2. Edições comemorativas e periódicas, contendo crônicas históricas e homenagens, feitas publicar pela escola;

## Procedimentos de pesquisa

Durante a pesquisa, foi priorizada a busca e reunião dos documentos que informam sobre as tradições, símbolos e mitos inventados e cultivados na Faculdade de Medicina da USP, principalmente entre 1913 e 1934; além de uma pesquisa bibliográfica e estudo sistemático sobre a história da universidade e de suas escolas superiores. Realizei, além dos encontros com o orientador, entrevistas com o coordenador do museu, o Professor Dr. André Motta, que pacientemente colaborou com informações fundamentais para o andamento do projeto, assim como com orientações de leitura e de material que poderia ser encontrado nas dependências do centro de memória.

Clebison N. dos Santos, técnico em conservação preventiva do Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz, pôde em alguns momentos auxiliar na procura do material da pesquisa, assim como na maneira correta de manusear os manuscritos utilizados.

Graças à organização do acervo do museu, foi possível a busca da documentação essencial para o estudo. Os materiais recolhidos e transcritos foram organizados por ordem de importância para a pesquisa, devidamente copiados e analisados, considerando sua importância histórica e seu valor para a história da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

A visualização da exposição “Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: Práticas Médicas” em São Paulo 1888/1938, disponível no Museu Histórico

“prof. Carlos da Silva Lacaz”, foi de grande importância para estabelecer conexões entre a bibliografia existente sobre a vida do ex-diretor e o contexto histórico no qual vivia.

As pesquisas realizadas no acervo histórico da Faculdade de Medicina visavam a produção de um inventário inicial dos elementos componentes das tradições e mitologias da instituição; e a análise desses elementos, recolhidos no Museu Histórico “Prof. Carlos da Silva Lacaz”, sempre relacionados com o contexto histórico, ajudaram na formulação de idéias sobre a FMUSP durante a pretendida integração universitária.

### Referencial teórico

A memória é uma aliada na transformação de impressões e ideologias em algo quase sólido, moldável de acordo com os desejos de quem tem o poder para tanto. Vindo do poder de conquista pela memória, surgem as *tradições inventadas* (HOBBSAWM, 1977), com a função de transformar as memórias até serem transmitidos certos atos que, baseados em momentos passados, reforçarão a solidez da tradição, farão com que sejam inculcados e aceitos como naturais. Esse processo de naturalização das tradições inventadas é o que permite sua existência em tantos campos de poder, dos mais simples aos mais rebuscados.

Segundo Hobsbawm, as tradições inventadas são regras e valores integrados no comportamento através da repetição, portanto, é necessário algum tipo de relação com o passado -- e essa relação poderá também ser inventada. O passado não precisa necessariamente fazer parte da tradição, ele é também facilmente moldado até que pareça ter relação com a tradição inventada desejada, ou seja, uma dada relação com o passado é estabelecida como verdadeira.

Hobsbawn explica que toda tradição inventada tenta usar a história, o passado, para legitimar as ações, sem a necessidade de utilizar o que realmente se conservou na memória, mas "aquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo". (HOBBSAWM; 1977; p.

21). Não são todas as tradições que são inventadas. Hobsbawm diz que as tradições não inventadas são "práticas sociais específicas e altamente coercivas", contendo uma carga mais emocional do que de normas a ser seguida. É a base das tradições inventadas, que tendem a ser bastante *vagas* "quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: 'patriotismo', 'lealdade', 'dever', 'as regras do jogo', o 'espírito escolar' e assim por diante". (HOBBSAWM; 1977, p. 19). Utilizando esse referencial, tentaremos visualizar como a tradição inventada surge e se repete na Faculdade de Medicina, sendo inculcada principalmente por discursos realizados em sessões de grande importância, em que todos recebiam as palavras sobre a missão dos médicos.

## Relatório científico

A necessidade de criar uma Escola de Medicina em São Paulo, decorrência natural do precursor curso de Farmácia existente, foi levantada em 27 de fevereiro de 1878 por Cesário Motta Junior, em discurso na Assembleia Provincial. O primeiro passo ocorreu em 1895, com a criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, mas só 21 anos depois, em janeiro de 1913, foi implantada a faculdade, utilizando algumas salas cedidas pela Escola Politécnica de São Paulo e outras da Escola de Comércio Álvares Penteado, no largo São Francisco. Arnaldo Viera de Carvalho, responsável pela instauração da Faculdade de Medicina, ocupava então o cargo de diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia e se mostrava contrário à vinculação de uma nova escola à Santa Casa, buscando por essa razão um novo local para a sua instalação. Em 25 de janeiro de 1920, foi lançada a pedra fundamental da sede própria, em terreno localizado em frente ao cemitério do Araçá, edificação que hoje corresponde ao Instituto Oscar Freire. Ainda sem ter prédio próprio, a faculdade ocupou três prédios na rua brigadeiro Tobias, onde se encontrava a sede da diretoria e a maioria das cátedras básicas; o hospital central da Santa Sasa, desde 1915 até a construção de seu hospital em 1944, as demais salas da faculdade se espalharam pelo hospital do Juqueri, recolhimento das Perdizes, maternidade de São Paulo e por outras acomodações (ANNAES, p. 632). Da escola politécnica veio o sistema de organização didática, o rigor de sua disciplina interna e os processos de computação das notas.

A Faculdade de Medicina, em sua totalidade instalada em um único prédio, foi inaugurada oficialmente em 1913 e, em 1934, passou a integrar a Universidade de São Paulo. Essa união foi oficial, mas fisicamente a Faculdade de Medicina se manteve isolada do conjunto, inclusive, após a instalação do Campus Butantã. Historicamente, já existia um *status* criado tanto pelos alunos quanto pelos funcionários, a faculdade já tinha suas próprias tradições, símbolos e mitos que colidiram com as ideias de “espírito universitário” ansiados pelos fundadores da Universidade de São Paulo. Almeida Prado, em 1961 dizia “a Faculdade de Medicina, erguida em majestosos edifícios, irremovíveis e perfeitamente adaptados às suas funções coletivas e culturais, não

poderá nunca levantar acampamento em busca de novas instalações” (A Faculdade de Medicina e a Universidade de São Paulo, 1995, p.14).

Em 1924, começa a participação da fundação Rockefeller na faculdade. A fundação forneceu professores para algumas disciplinas e auxílio financeiro para a construção de um prédio próprio da faculdade. Foi o diretor dessa fundação o Dr. Pearce, que sugeriu o tempo integral, o aumento do número de matrículas, consideradas essenciais por ele para a faculdade, e que foram aprovadas pela lei n 2.016 de 1924. A participação da fundação Rockefeller sobre a Faculdade de Medicina iniciou um novo momento no ensino de medicina de São Paulo, mudando a vida letiva dos alunos e instaurando novos conceitos educacionais, além da criação de novos prédios para a faculdade, além de reforçar a construção de sua sede e hospitais próprios. Nessa mesma época, a faculdade começava a busca por materiais de ensino vindos dos Estados Unidos e de países da Europa (MARINHO, 2001, p. 27).

Examinando os discursos de aulas inaugurais e de encerramento do curso, podemos perceber algumas das tradições e mitos originais da faculdade de Medicina e quais figuras, personagens, fatos históricos, ideais e autorrepresentações profissionais marcaram sua história.

Ao observar a história da Faculdade de Medicina, não há como não se deparar com uma figura importante: o doutor Arnaldo Vieira de Carvalho. Durante os anos de 1913 a 1920, Arnaldo foi o primeiro diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, sendo em janeiro desse último ano lançada a pedra fundamental de sua sede própria, na então Estrada do Araçá (defronte ao cemitério), que, a partir de 1931, passou a ter o seu nome.

Reconhecido pelos paulistanos, teve feição simbólica na história médica de São Paulo, ligando seu nome ao instituto vacinogênico, à alta administração clínica da Santa Casa e a direção da Faculdade de Medicina. Sua filha casou-se com Júlio de Mesquita Filho, que será um dos detentores de poder envolvidos com a criação da Universidade de São Paulo, à qual a Faculdade de Medicina depois se uniria fisicamente. Segundo o professor dr. André Motta, a Faculdade reúne até hoje símbolos do homem conhecido como criador da Faculdade de Medicina de São Paulo, um exemplo disso é o busto existente nas dependências da faculdade, que feito ao



molde da face do próprio doutor Arnaldo antes de seu falecimento, várias cópias em miniatura foram realizadas e posteriormente vendidas para a população, principalmente devido à grande comoção de sua morte, que reuniu centenas de pessoas em seu cortejo fúnebre, que se estendeu pela casa onde viveu até a avenida que leva seu nome<sup>1</sup>.

Em um discurso junto ao busto de Arnaldo Vieira de Carvalho, em 1971, Cantídio Moura de Campos dirá:

“E, agora, Arnaldo, concentrado neste bronze eterno, de olhos fixos no infinito, na eternidade do tempo, despede-se de sua escola e da sua gente, com estas palavras finais: "a sessão está cancelada.

Transformaram e modificaram minha casa” (LACAZ e MAZZIERI 1995, p.14)

Doutor Arnaldo torna-se importante para a pesquisa, por conta de sua contribuição na tentativa de criação de uma memória coletiva sobre a Faculdade de Medicina, sua função e a função dos próprios médicos e seu papel na sociedade.

Nascido em Capinas no dia 5 de janeiro de 1867, e falecido em 5 de junho de 1920, aos 53 anos, Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho formou-se em 1888 e ingressou na Santa Casa de São Paulo como médico interno. Dez anos depois, passaria a diretor clínico, cargo que exerceu até a data de sua morte. Arnaldo Vieira de Carvalho cursou medicina muito jovem na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, que, segundo ele próprio, era mal preparada para as práticas médicas. Como aluno, Arnaldo Vieira de Carvalho considerava os métodos de ensino de seus professores vagos e limitados a assuntos sem importância real para um médico (ENSAIOS Paulistas, 1958), também descrevia as parcas instalações nas quais os estudantes eram obrigados a realizar o aprendizado de conhecimentos práticos. Esses locais, segundo ele, eram mal iluminados e desprovidos das aparelhagens essenciais a uma equipe de futuros médicos. Dr. Arnaldo dizia ainda, que os métodos de ensino dos professores se baseavam em apresentar o corpo humano para os alunos e fazê-los decorar para a sabatina de questões que viria a seguir. Ele criticava esse método, principalmente, pois esse não oferecia aos médicos a capacidade de lidar com o ser

---

<sup>1</sup> Informação dada em entrevista à autora, no dia 17 de abril de 2012.

humano de forma inovadora e íntima, o que atrapalharia no futuro trabalho do profissional diplomado.

Sua preocupação maior sempre foi a de aumentar a quantidade e qualidade da aparelhagem médica, e foi isso que fez na Santa Casa, criando ambulatórios, aumentando os espaços e melhorando o espaço de trabalhos dos profissionais da saúde. Em sua administração, grandiosas construções foram erguidas, sempre com aparelhagem moderna e renovadora.

Suas idéias de modernidade trouxeram à criação da Faculdade de Medicina um aspecto inovador aos estudos de medicina em São Paulo. Os historiadores André Motta e Maria Gabriela Marinho constaram em seu trabalho que Arnaldo Vieira de Carvalho escrevia no jornal *O Estado de S. Paulo* sob o pseudônimo de “Epicarnus”, opinando sobre a organização médica e política de saúde, afirmando que a solução dos problemas gravíssimos existentes na assistência à saúde naquela época poderia ser dada quando os médicos fizessem parte ativa nas questões sociais e fisiológicas, ciências básicas da profissão. Ele também se referia ao péssimo ensino secundário, pois as pessoas não conseguiam passar nos exames de admissão para a entrada na Faculdade de Medicina e Cirurgia de SP, pois os alunos mal conheciam as operações básicas da matemática.

Em seu discurso da colação de grau da primeira turma da faculdade, percebe-se que ele tinha em mente uma imagem muito forte do médico e de sua função na sociedade, que depois tentaria transmitir para a Faculdade, seus estudantes e professores:

Os homens cobrirão de bênçãos o vosso nome (...). Recebei esse anel como symbolo do grau que vos confio. (...) A verbiagem dos poetas e dos crentes não empecerá vossa acção.<sup>2</sup>

Nesse discurso, Arnaldo Vieira de Carvalho fala com bastante clareza da sua posição sobre manifestações políticas e crenças, como o ser humano é feito de suas manifestações físicas e químicas, não passando de um “aglomerado de protoplasmas”.

---

<sup>2</sup> Excerto do discurso para a primeira turma de formandos da Faculdade de Medicina de São Paulo, disponível no Catálogo da mostra inaugural do museu- medicina e ensino médico em São Paulo (1891-1918)

É interessante notar a relação feita por ele entre médicos e deus/deuses, principalmente sua intenção de aumentar a profissão de médico a ponto de entender que aos médicos caberiam as mais importantes funções na sociedade, para aquele que se encontrava doente. Daí o médico, para sanar a o corpo, a alma e a sociedade.

É de justiça entregarem a direcção das coisas publicas aos médicos. (...)“ ao médico, hoje, além do alívio dos males phisicos do próximo, incube também a restauração da sociedade avariada e a enorme e completa tarefa de sanear e melhorar o meio<sup>3</sup>.

Nesse discurso, Doutor Arnaldo cita o Brasil como um imenso hospital, onde a ação da medicina seria imprescindível em situações de poder, já que lhe seria entregue uma coisa tão importante quanto ao corpo dos seres humanos: suas vidas em sociedade, principalmente para a restauração de uma sociedade doente. Segundo Arnaldo Vieira de Carvalho, as partes gangrenadas do corpo-sociedade só poderiam ser descobertas e devidamente retiradas por médicos, os únicos capacitados para isso.

Tereis de defrontar outros mais árduos problemas que os propostos á vossa perspicácia – o papel de médico mudou. (...) a sociedade, mais materialista , começa a compreender não haver separação entre o espírito e o corpo e a se aperceber que por isso deve bem zelar do primeiro quem sabe tratar do segundo e reclama de nós ingerência mais activa em seus negócios. Ao médico, hoje, além do allivio dos males phisicos do próximo, incumbe também a restauração da sociedade avariada e a enorme e completa tarefa de sanear e melhorar o meio ambiente onde ambos evoluem! (ANNAES, 1934)

Convicto da força dos médicos no país, Arnaldo Vieira de Carvalho lembra que aos médicos que já que retêm o conhecimento, sem o olhar romântico, possuem papel fundamental na sociedade. A função de melhorar a sociedade é designada aos

---

<sup>3</sup> Excertos do discurso para a primeira turma de formandos da Faculdade de Medicina de São Paulo, disponível no Catálogo da mostra inaugural do museu- medicina e ensino médico em são Paulo (1891-1918)

médicos, uma vez que estes tem como método a observação imparcial dos fenômenos humanos. Durante o discurso, Arnaldo lembra aos formandos que o organismo e o meio se influenciam de maneira indelével como um complexo indissolúvel e, sabendo disso, os médicos teriam o poder de modificar o meio através de seus conhecimentos científicos.

Sois médicos, não podeis ver nos homens mais que um conjunto de cellulas, mais que animaes superiores.(...) não podeis conceber nas manifestações desses animaes outra coisa alem das manifestações physico-chimicas em um agglomeradode protoplasmas; não podeis descobrir em taes phenoenos mais que efeitos na lei da physica, dessa verdadeira e única sciencia, que tudo explica e tudo esclarece, sem recorrer a hyphotheses fantásticas e absurdas. (ANNAES, 1934).

Arnaldo Vieira de Carvalho propõe no discurso as funções da Faculdade de Medicina e como ela deveria exercê-las, assim como o caminho os formandos deveriam seguir e qual deveria ser o espírito ansiado pelos médicos ao atuar, não somente na área da saúde, mas também, e principalmente na área política e de poder, onde pudessem exercer seu conhecimento perfeito para curar uma nação doente. Aos médicos da Casa de Arnaldo caberia aplicar sua influencia sobre toda a nação, com o objetivo de cultivar as ciências, ajudar o progresso do espírito humano e dar a sociedade elementos para a renovação dos quadros científicos, técnicos e políticos.

Convenientemente, Arnaldo Vieira de Carvalho fala de higienizar o meio através dos métodos e processos já conhecidos de antemão pelos médicos. A sociedade que será o resultado de uma higienização dos homens, será boa quando o complexo for bom.

Importante notar que no decorrer do discurso Arnaldo está sempre lembrando das ideias subversivas e perversões sociais, as quais não se devem enganar ou deixar levar os médicos, sendo eles superiores a qualquer tipo de movimento ideológico. Só o que deve lhes preocupar é a restauração da saúde dos brasileiros, e se o Brasil é como um imenso hospital, tudo o que a população precisa é de médicos. Arnaldo Vieira de Carvalho vincula a medicina e, por consequência, os médicos, às virtudes mais

ambicionadas pelos seres vivos: moral, bondade, integridade, tolerância, nobreza. Palavras que aparecem muitas vezes no discurso, principalmente para ilustrar os resultados que as ações da medicina trariam à sociedade, sempre ligadas às palavras saúde, higienização, e ao organismo complexo ao qual pode ser reduzir a nação. Curiosamente, ao mesmo tempo em que discorre sobre os problemas que acometem o país, Dr. Arnaldo fala sobre o que o formado deverá fazer quando sair do âmbito de proteção que a Faculdade de Medicina de São Paulo oferece para seus alunos. Estabelece ligações entre a faculdade e uma família, da qual os médicos se desligarão, mas de que levarão ensinamentos para a melhoria da sociedade doente, cuja cura foi estudada, apreendida e significada dentro da faculdade, a qual se refere como "casa".

(...) dentro de poucas horas nos separará o destino e, com rumos opostos, partireis para, ensinando e praticando a medicina, espalhardes pelo nosso vasto paiz os frutos do saber nesta casa cultivados. Podeis partir confiantes. Em serem por vossos feitos honrados confiam os vossos mestres. (ANNAES, 1934).

Em vários momentos, Arnaldo fala da dificuldade de relacionar a política com a cura da sociedade; propõe uma nova política também ministrada por médicos, tendo aí o poder para a repressão enérgica pela higiene. Em sua fala afirma que, caso o país entregue o poder aos médicos, a resolução dos problemas do país seriam realizadas. Cita também o poder dos médicos de curar os sertanejos, a população do interior, e assim após ser curada de suas enfermidades, eles poderiam realizar as mais profundas e importantes mudanças sociais esperadas para a melhoria da vida no país.

O curso de medicina teria como uma de suas missões mais importantes ampliar seu espaço formador e irradiador de posturas hierarquizantes, interferindo na organização social do mundo urbano e rural. (MOTTA, 2005, p.57)

Segundo André Motta, uma instituição de ensino médico superior teria essa marca, simbolizando a ideia de avanço científico e social, da qual as faculdades mais antigas (Rio de Janeiro e da Bahia) poderiam ser citadas como exemplo. A Faculdade de Medicina de São Paulo, viria para colocar a cidade como a construtora de um novo

Brasil republicano. Como primeira escola médica, a Faculdade de Medicina formaria seus alunos tentando criar neles um pensamento médico “originariamente e naturalmente paulista” (2005, p. 62), principalmente preparado para lidar com os problemas paulistanos.

A instauração da Faculdade em São Paulo colocaria a cidade novamente como detentora do progresso econômico, intelectual e científico (2005, p. 70).

O corpo docente da Faculdade de Medicina de São Paulo seria composto por estrangeiros, jamais de outras faculdades do país (consideradas ruins) e, principalmente, não da Faculdade de Farmácia. Havia um curso preliminar de um ano, que eliminaria os estudantes que não se encaixariam no perfil de futuro médico, e depois disso viria o curso de 5 anos, para a real formação do profissional da medicina. Segundo o calendário programado para a Faculdade, suas aulas começariam em 15 de março e se encerrariam em 10 de novembro. Uma informação importante, é a de que na Faculdade de Medicina de São Paulo seria permitida a entrada de ambos os sexos, medida inovadora no ensino de medicina do país, sendo que a única exigência feita para todos os candidatos, seria a entrega do diploma conferido pelos ginásios oficiais do estado ou de aprovação em exame de admissão.

Como citado anteriormente, Vieira de Carvalho menosprezava o ensino com aulas teóricas e com ênfase na clínica. Para ele, o ensino deveria destacar a pesquisa, com base científica e experimental. Apesar de suas falas sobre a importância da aparelhagem para o ensino de medicina, o início do funcionamento da Faculdade de Medicina de São Paulo foi por meio de instalações impróprias, já que não contava nem mesmo com a higiene necessária para ministrar aulas que envolviam cadáveres, doenças, mesmo por que os estudantes tinham que ficar espalhados pela cidade, já que ainda não havia um prédio para o uso particular da Faculdade (esse problema seria sanado após a entrada da Fundação Rockefeller na instituição, trazendo o capital necessário para o desenvolvimento da Faculdade).

Segundo André Motta, a Faculdade de Medicina sempre trabalhou para que sua força e fama fossem respaldadas em seus símbolos, emblemas e postura de seus profissionais. Por isso a importância da fala em discursos, tentando inculcar uma ideologia, é de tamanha grandeza.

A Faculdade de Medicina de São Paulo tornar-se-ia símbolo de São Paulo, de seu crescimento e realização como centro econômico e científico. Para inculcar a ideia de grandiosidade da profissão e de sua importância na cidade e no país, utiliza comportamentos inventados, construídos e institucionalizados, para a criação de uma tradição quase sagrada para os profissionais que lá se formariam.

Em ocasião de homenagem às turmas de formandos de 1932 e 1942, o prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz, fala sobre as tradições da Faculdade de Medicina, e sobre a ansiada junção entre a Faculdade de Medicina de São Paulo e a Universidade de São Paulo

Temos hoje uma escola esquartejada, mutilada, hemiplégica, uma Faculdade de Medicina do Hospital as Clínicas.

Mas, a tradição tem sua riqueza que é preciso preservar. Reformular não significa destruir, fazendo-se tabula rasa dos costumes e tradições que, se existem, é porque representam, de algum modo, uma realidade. É preciso reconhecer os valores positivos já existentes e um trabalho renovador só é válido quando fundado no amor ao passado, no ato mesmo em que este é superado pelos esquemas do futuro. Eu ainda prefiro cultuar os meus mortos e as minhas lembranças, porque são eles que me auxiliam a compreender o presente e a construir com maiores perspectivas e segurança os dias de amanhã.

Danificaram-se posições penosamente conquistadas. A partir da reforma Universitária, estamos em verdadeiro 'plano inclinado'.

A integração, sempre desejada, deixou de existir. (...) a Faculdade de Medicina de São Paulo, era a única no Brasil, considerada padrão A, pela 'Associação Médica Americana'. Pessoalmente, não acredito em reformas que destroem tudo para começar no nada; que desprezam a experiência vivida para aplicar teorias não provadas; que esquecem as perspectivas históricas, porque certamente estarão fadadas ao fracasso. Reformar é preservar o que existe e funciona bem; é recuperar ou aperfeiçoar o que já funciona de modo deficiente, criando o que não existe, dentro do que Piaget denomina de 'estruturalismo funcional' em linguagem sociológica ou de um 'conservadorismo progressista', em

linguagem política. ‘O coração da Faculdade não mais existe’(...) por outro lado, as decisões maiores na Faculdade de Medicina são cada vez mais, tomadas por órgãos colegiados estranhos aos seus quadros, os quais, por maior boa vontade que tenham, não possuem treinamento e experiência em ensino médico, que lhes permitam agir com pleno conhecimento da causa.

(...) A Faculdade de Medicina vós saúda e vos acolhe. Em um mergulho no passado, revejo a nossa querida ESCOLA, com os nomes mais altos da nossa profissão, grandes revelações do nosso caminho, luzes do nosso altar, vozes de ontem perdidas na distância.”

A fala de Lacaz remonta a ideia de que a Faculdade de Medicina, além de suas próprias tradições, é um dos símbolos de maior importância de São Paulo, de sua ascensão como potência. Criava-se internamente a identidade de um grupo que somaria aos símbolos pátrios, com um diferencial: as insígnias da paulistanidade. (MOTTA, 2005, p. 69)

A Faculdade de Medicina jovem, recém criada, lutava por respeito institucional e tradição em seus estudos científicos, inclusive no caráter da formação de seus alunos, os símbolos de tradição, hierarquia e distinção vistas em séries de momentos, como os discursos de formatura (até mesmo a maneira de organização da própria formatura); o recebimento do diploma, um ritual pelo qual os alunos ansiavam passar e que era de fundamental importância para inculcar valores de hierarquia e de respeito, realizados e repetidos a ponto de permitir a criação de uma memória coletiva. Se a profissão de médico já era por si só respeitada e valorizada, a representação da figura do diplomado pela Faculdade de Medicina de São Paulo ganhou ainda maior destaque por conta dos ornamentos que caracterizavam as colações de grau como o ponto alto da carreira do formando.

A primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo colou grau em 1918, dia 28 de dezembro, no salão nobre da Escola Politécnica, com a presença de figuras importantes na política e na cultura do país (estiveram presentes na solenidade o presidente do estado, Altino Arantes; Cândido Rodrigues e Oscar Rodrigues Alves, representantes do secretário da Justiça, do Gal. Barbedo, do secretário da Agricultura,



do comandante geral, da Força pública, a Congregação da Faculdade de Medicina e grande número de familiares dos formandos.

A cerimônia de formatura começava com o juramento hipocrático daquele tempo:

Prometo que no exercício da medicina, serei sempre fiel aos deveres da ciência e da caridade.

Penetrando no interior da família os meus olhos serão cegos, minha língua calará os segredos que me forem confiados; nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes, nem para favorecer o crime.

Cada formando recebia seu anel de formatura, e os novos médicos ouviriam, então, o discurso preparado por Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade.

A própria forma como era conduzida a solenidade mostra o interesse em manter a ideia de grandiosidade da profissão, trabalhando para manter uma memória sobre a tradição inventada de forma estritamente regular.

## Referências

- ANNAES Paulistas de Medicina e Cirurgia. Alberto da Silva E. Souza, 1934.
- BONTEMPI JR., Bruno. *O espírito decretado e os outros espíritos: tradições e mitologias conflitantes na Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Projeto de Pesquisa USP/CNPq/FAPESP, 2011.
- CATÁLOGO. Exposição: *Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: práticas médicas em São Paulo (1888-1938)*, Museu Histórico "Prof. Carlos da Silva Lacaz"
- ENSAIOS Paulistas; *Contribuição de o "Estado de S. Paulo" às comemorações do IV centenário da cidade*. São Paulo: Anhambi, 1958.
- GARCIA, Sylvia Gemignani. (2002). *Destino ímpar*. Sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. 34.
- HOBBSAWM, E. *Introdução: a invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence. (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984,
- LACAZ, Carlos da Silva e MAZZIERI, Berta Ricardo de. *A Faculdade de Medicina e a USP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. *Trajetória da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: aspectos históricos da "Casa de Arnaldo"*. FMUSP, 2006.
- \_\_\_\_\_ *Norte-americanos no Brasil: Uma História da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1935-1932)*. Campinas SP: Autores associados. São Paulo: Universidade São Francisco, 2001.

MOTTA, André. *Tropeços da Medicina Bandeirante: Medicina Paulista entre 1892-1920*. Editora da Universidade de São Paulo. 2005

ROIZ, Diogo da Silva. História da Universidade de São Paulo, Histórias em Construção. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, MS, v. 9, n. 16, jan./jul. 2007

\_\_\_\_\_ Dos “discursos fundadores” à criação de uma “memória coletiva”: formas de como se escrever a(s) história(s) da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de História da Educação*, n° 19, p. 137-185, jan./abr. 2009.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*. São Paulo: Empresa Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1937.